

Constelações docentes: redes, narrativas e experiências trans-formativas (em forma de apresentação)

Dossier | Dossiê

Tiago Ribeiro

Instituto Nacional de Educação de Surdos
Rio de Janeiro / Brasil
tribeiro@ines.gov.br
<https://orcid.org/0000-0001-7264-3388>

Aline Dorneles

Universidade Federal do Rio Grande
Porto Alegre / Brasil
lidorneles26@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7110-9378>

Vivemos, hoje, no ano de 2021 do século XXI, no contexto complexo de pandemia de Covid-19, uma situação caótica em que a incerteza é a única garantia que temos diante do desconhecido. O minúsculo quase invisível nos lembra, a todo o momento, que o que não se vê também se sente e, muitas vezes, se teme! Sentir é uma forma de ver? Vemos também com o corpo? Experiências docentes, isto é, vivências que marcam e atravessam o sujeito, transformando-o (Larrosa, 2011), compartilhadas por toda a América Latina, em redes e coletivos, dão conta de que sim: vemos com o corpo inteiro; somos oceanos de sentidos... Escutamos visualmente (Ribeiro, Silva, Vignoli, 2019), enxergamos com as mãos, vivemos os cotidianos com todos os sentidos, como nos ensinou Nilda Alves (2008).

E esses cotidianos tem nos revelado que o mundo (aquele mundo arrumadinho, com limites, fronteiras e caixinhas bem definidas) se decompôs e, com ele, muitas hipocrisias estão a nu. Insistimos, muitas: o discurso do neoliberalismo econômico como imparcial e democrático; a meritocracia como dispositivo de formação de subjetividades despotencializadas; a falácia da responsabilização e culpabilização da coisa pública pela falência do Estado, quando esta é uma política de governo transnacional; as crises econômicas vendidas como falta de recursos públicos, quando os mais ricos aumentam suas riquezas surfando nessas mesmas crises e capitalizando os recursos públicos... Acompanhando esses discursos, e talvez embasado por eles, em diferentes partes do globo, de distintas formas, espalham-se forças necrófilas sedentas pela transfiguração de potências e pulsões desejantes em consumidoras e geradoras de lucro. Querem reduzir nossos corpos, constelações de sentidos, em máquinas produtoras, como se estivéssemos aqui para gerar produtos que possam dar lucros, 24 horas, 7 dias por semana (Crary, 2015).

Nessa encruzilhada histórica, em que as vidas nem o que elas podem criar comunitariamente já não importam tanto quanto o dinheiro para muitos (Krenak, 2020), a quem não engrossa a massa de consu-

midores e/ou mão de obra barata restam a desigualdade, a indiferença e/ou a aniquilação; desigualdade e indiferença como a tônica de muitas narrativas e narrações sobre o outro e sobre o mundo; sobre o outro e seu corpo, seus saberes, sua existência... E aniquilação: não apenas discursos, mas golpes, violências físicas, genocídios. É Abdias Nascimento, estudioso negro brasileiro, quem nos fala: "As estruturas das relações raciais não se têm modificado desde os tempos coloniais até os dias presentes. Ontem eram os africanos escravizados. Hoje são os negros discriminados (Nascimento, 2016: 181)".

Sabemos bem, porque vemos arder nas entranhas de um país forjado no tronco como no nosso (os nossos?), o quanto a violência colonial ainda pode movimentar o imaginário social, a ponto de parte dos brasileiros vibrarem com ações e falas preconceituosas, racistas e até genocidas de alguns líderes nacionais. O futuro já não corresponde às imagens que tínhamos há pouco, quando a esperança venceu o medo, e sobre o passado já não sabemos muito bem o que fazer com as promessas que nos foram feitas... O certo é que a normalidade sofreu um duro golpe, alteridades, existências, corporalidades, dissidências: saímos dos armários, das cozinhas, das senzalas, dos corpos impostos, dos lugares de subalternidade onde querem nos colocar. Estamos saindo... Sempre estivemos.

As sintaxes e gramáticas da normalidade estão bagunçadas; sempre estiveram, porque não há normalidade nem normas nem normais, mas anormalizadores (Skliar, 2009). Se nos damos tempo e espaço para escutar as existências plurais dos outros, se nos permitimos encontrar o outro e enxergá-lo, então, talvez, haja algum espaço para que as diferenças sejam diferenças e não diversidade: disso se tratam as redes? Aí podemos falar todes desde nosso lugar singular, com nossas próprias vozes?

Hoje, falar desde o lugar de professores da escola básica e da universidade públicas é denunciar, também, o que os corpos presentes e ausentes dos estudantes revelam: o vírus não isola nem mata branco como mata preto: a pobreza tem cor no Brasil, por exemplo; ela é negra! Ademais, a periferia sente doer a Covid-19 em números exponencialmente maiores do que se ouve falar, nos bairros abastados ou nas zonas ricas das cidades, acerca das perdas doloridas de entes queridos. Na ausência de leitos de hospital e respiradores no Sistema Público de Saúde (o que faz parte da anteriormente referida política transnacional de destruição do serviço público), a crueza da desigualdade grita a que veio o capitalismo financeiro transnacional. Não faltam recursos no mundo, mas sobram mortos; não falta comida, mas sobram famintos; não falta dinheiro, mas sobram miseráveis, não faltam cifras e cifrões, mas milhões de pessoas têm sido jogadas à própria sorte.

No Brasil de 2021, algumas das autoridades que deveriam zelar pela saúde da população - autoridades que têm garantidos para si hospitais e respiradores - pedem que as pessoas voltem normalmente a trabalhar, desencorajam a vacinação, solicitam que o povo não use máscara, minimizam o vírus... Enfim, muitos são os exemplos para desvelar e denunciar um mundo doente, onde a pressa pela produção, o afã pelo lucro e a preocupação desmesurada com a economia parecem reger

uma lógica mundial... E pouco importa que isso consuma e destrua o próprio mundo, a natureza, a vida.

Talvez estejamos na fronteira onde o caótico é a melhor metáfora. Todavia, se a fronteira é limite, é também possibilidade de descobrimento e passagem. Quiçá estejamos a viver a ebulição, ao modo de Nietzsche (2011), de uma estrela que dança, parida das entranhas de nossos equívocos e tentativas de seguir inventando e afirmando modos de ser e estar, isto é, de nossa humanidade terrena e profana, conectada com o que pulsa nas relações, nos cotidianos e nos processos de aprendizagem e formação: a vida. É a vida nossa fonte de inspiração e força para apostar nas redes como dispositivos que potencializam outros modos e ser, estar e viver o educativo. Frente a um mundo que assola e faz doer, frente a lógicas que põem as pessoas como menos importantes do que o dinheiro, como nos alerta Krenak (2020), talvez a vida seja a ideia, o conceito, a categoria que vale a pena a pensar, comentar, falar, insistir, sublinhar, experimentar, viver! Vida como potência, afirmação de modos singulares de existência no mundo que congregam e confluem; vozes, corpos, vibrações, presenças, histórias, ancestralidades.

Como VIDA compreendemos os movimentos de invenção e transformação de si e das relações em seu curso – com outres, com o mundo, com os saberes e produções culturais disponíveis. Uma constelação – de saberes, sabores, cores, texturas, histórias, biografias, travessias, narrações, mitos... Força e pulsação que possibilita a todos e a qualquer um compreender-se como sujeito potente e legítimo no mundo! Quiçá seja hora de pensar, performar e plasmar outros cenários, metáforas e relações educativas possíveis, como para re-inventar e pluralizar nossas experiências e leituras desde a ideia de constelação, isto é, da assunção da diferença como relação, como potência de existência no mundo, - e da pluralidade, da multiplicidade como aquilo que nos possibilitam devir outro de nós mesmos: no encontro/ confronto, na conversação com o outro vamos tecendo, como redes e enredamentos, nosso “estar sendo” (Skliar, 2019).

São esses os ensinamentos das redes e coletivos docentes da América Latina e Caribe, muitos dos quais se reúnem nos Encuentros Ibero-Americanos de Redes y Colectivos Docentes que Hacen Investigación desde la Escuela. Os encontros acontecem a cada três anos e têm no diálogo e na troca de experiências e saberes vivenciados na prática pedagógica sua proposta de formação. Acontecendo em diferentes países em cada edição, o Ibero mobiliza o intercâmbio cultural, o conhecimento de outras realidades educativas e se inspira nos movimentos docentes ao redor do mundo, que em outros tempos já se levantaram contra as forças necropolíticas (Mbembe, 2018) e fascistas, como hoje fazemos mais uma vez, em diferentes países da América Latina e de outros continentes.

Precisamos lembrar: se os tempos atuais trazem dor e angústia, também trazem testemunhos de beleza, amizade, solidariedade e cooperação. Trazem ressonâncias e pulsação dessa dimensão constelar e complexa do cotidiano, da vida. Exemplo disso são as Lives, espécie de transmissão ao vivo via redes sociais com a possibilidade de comunicação instantânea, por meio de mensagens escritas. Tais experiências têm pululado por todos os cantos e contribuindo, inclusive,

com movimentos de conversação, partilha e intercâmbio de saberes e experiências docentes nas redes. Nos coletivos, a esperança se reace e se fortalece.

Além das lives, webnários, seminários online, encontros virtuais e muitas outras possibilidades de enredar, de manter certa forma de diálogo em tempos soturnos e de isolamento. Como o exemplo das conversações em rede, muitas outras ações plurais tecidas consteladamente têm polinizado, no miúdo, no minúsculo, germes de vida, de amizade, de reconhecimento, de visibilização, de invenção e criação de táticas e maneiras para estar juntos, compartilhar nossas ressonâncias, fazermo-nos com o outro em constelação: compartilhar emocionalidades, afetos, sentidos, inquietações e vibrações que nos lembram da multiplicidade e da singularidade do mundo, bem como da importância e urgência de narrar outros mundos possíveis dentro de nossos mundos conhecidos: em gestação e/ou já vivenciados cotidianamente.

Na encruzilhada, potências de novos caminhos... No movimento, impossibilidade de se seguir tal qual se é. Quiçá os nossos tradicionais mapas cognitivos e nossos conhecidos territórios estéticos e afetivos dualistas já não correspondam à necessária conversação entre diferentes modos de ser, estar, pensar, viver, habitar etc. a partir de outras imagens que trazem consigo outros percursos e trajetórias possíveis, coletivas, compartilhadas, constelares... Hoje inclusive de forma virtual, interconectada. Diante de um mundo enredado e em constante fluxo, parece-nos que as imagens e metáforas capitalísticas e colonialistas construídas sob um sistema mundo de subalternidade e silenciamento já não nos servem (como nunca nos serviram!). Igualmente, os velhos slogans já não soam como antes: mais do que este ou aquele grupo definido, protegido e engessado pela sua identificação homogênea, soamos como constelações, sim! – Redes e coletivos que se retroalimentam na composição sensível de formas de vida, de educar, de formar(-se), de ser e pensar - potências afirmativas frente a um mundo que quer abafar nossos desejos, corpos, afetos, vozes e histórias.

Redes e coletivos docentes: dispositivos vivos de formação que congregam diferentes sujeitos em torno de princípios e lutas comuns, sem que o comunitário signifique a perda da singularidade que cada um. Na América Latina, esse movimento de redes ganhou força entre docentes e coletivos de professores através de experiências de resistência contra os ataques (neo)liberais contra a educação e as consecutivas políticas de negação dos professores como sujeitos produtores de conhecimentos e saberes pedagógicos a partir dos cotidianos das salas de aulas e de privatização da educação. Consoante esse desafio,

Las redes destituyen las maneras como han sido pensados los docentes en las prácticas de capacitación, replantean el papel de las universidades y crean otro tipo de vínculo entre las instituciones formadoras y las escuelas, que están abriendo otros ámbitos de formación como espacios privilegiados del saber, de la cultura, del pensamiento, de la vida. (Bernal, Boom Bejaró, 2009: 175).

Assim, trata-se de um convite a modos de viver a formação grávidos de escuta, de conversação, de partilha. Uma formação que reconhece

o professor como sujeito tecido entre tramas pessoais e profissionais, reflexivamente (Nóvoa, 2001), como autor e ator da própria prática, com as crianças, cotidianamente (Sampaio, 2008). Nos cotidianos escolares, entre pares e com as crianças, docentes criam currículos, renovam teorias, produzem saberes (Esteban & Zaccur, 2008).

Num confluir dialógico com as ideias compartilhadas até aqui, o texto que abre este dossiê – *Redes de Formação Docente: pensar por si é pensar com o outro* -, da autora Carmen Sanches Sampaio, destaca alguns princípios que mobilizam e sustentam a formação na perspectiva das redes e coletivos docentes, a partir da experiência da Rede de Formação Docente: Narrativas & Experiências (Rede Formad), Brasil:

Como Freire, pensamos que o diálogo comporta muitos “eus” e muitos “tus”, constituindo-se em um “nós”. É esta primeira pessoa do plural, porque continente de uma pluri-versalidade de modos de ser/estar no mundo, que perseguimos nas ações praticadas na Rede Formad. Assim, o nutriente, o fio que nos une são nossas próprias histórias, nossas narrativas do chão da escola, das experiências que vivemos com estudantes com xs quais trabalhamos. São essas experiências e narrativas que alimentam o dialogar com o outro. Ao levarmos nossos diferentes pontos de vistas e modos de pensar para as rodas de conversa vamos sendo desestabilizadxs, deslocadxs, incomodadxs pelas ideias que vão surgindo...

E o como entendemos as redes de formação? Antes de mais nada, como espaços e tempos de resistência aos processos e movimentos que despotencializam a vida e diminuem o potencial trans-formativo da escola. Elas nos convidam à produção de nascedouros, gérmenes de esperança, à re-invenção dos modos de narrar e dar a ver o mundo escolar e educativo. E é justamente esta dimensão narrativa, irreverente, potente, coletiva e contingente da escola, das instituições educativas e de seus processos que as redes colocam em evidência!

Seguindo nessa direção, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios, autora do segundo artigo do dossiê, *“Narrar a vida-profissão: por outras redes de (trans)formação”*, nos convoca a perceber como esses viés formativo das redes está subsidiado por um paradigma narrativo, a partir do qual as experiências e relatos docentes mobilizam conhecimentos éticos, estéticos e políticos, compartilhando sobre processos vividos com docentes da educação básica do Brasil, inspirados na Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (Suárez, 2007).

Por sua vez, Charles dos Santos Guidotti, em *Formação com professores em rede no Cirandar: rodas de investigação desde a escola*, terceiro texto do dossiê, também fortalece os relatos e narrativas como dispositivos formativos potentes que possibilitam não apenas rememorar, mas ressignificar a prática docente; no seu caso, tece o texto através do diálogo reflexivo com outros pesquisadores integrantes da rede Cirandar.

O texto 4, *Entre Línguas, Culturas e Conhecimentos: fortalecendo a Identidade Latino-americana de Professores de Ciências*, de Andrei Steeven Moreno Rodríguez, recupera relatos de estudantes de uma

disciplina de pós-graduação e, através desse procedimento, convida a pensar sobre a nossa responsabilidade profissional e nosso papel como agentes de transformação no bojo de uma subjetividade latino-americana, tendo como foco o enredamento entre professores de Ciências latinoamericanas.

Formación de maestros y construcción de redes en Colombia, de autoria de Martha Cárdenas Giraldo e Cecilia Villabona de Rodríguez, relata a experiência de criação, formação e princípios da Red de Lenguaje da Colômbia/ Grupo Bacatá.

O sexto texto do dossiê, de José Ricardo Santiago, *O PIBID como experiência outra de formação*, reflete sobre uma experiência formativa docente com estudantes em graduandos no Rio de Janeiro, Brasil; experiência baseada em princípios das redes e coletivos docentes da América Latina, como horizontalidade, igualdade, alteridade e solidariedade.

Fechando o dossiê, Carmen Ruíz Nakasone, Vicenta Guerra de la Cruz e Lucerito Rosales Martínez, no texto *Nodo Huaje, Oaxaca: Formación de lectores y productores de textos* narram a experiência de formação, os princípios éticos e políticos, as ações e as vozes que têm sido presenças importantes na Rede de Linguagem do México/ Nodo Huaje.

Com o título *Constelações docentes: redes, narrativas e experiências transformativas*, o presente dossiê é um convite a rememorarmos a força que nós, enquanto coletivo e corpo-constelação (Krenak, 2019), temos. A força de transformação que a solidariedade e a colaboração podem polinizar em nossos corpos, desde os ensinamentos ancestrais de nossos povos originários e dos alertas que nossa Pachamama continua a nos dar: a urgência de reinventarmos, juntos, modos de vida, modos de ser e viver educação, de constelar, criar comunidade.

Que as experiências compartilhadas aqui possam nos fazer vibrar as utopias e sonhos por uma educação livre, democrática, antirracista e ecológica; educação pela qual docentes de nossa sofrida América Latina vêm, desde sempre, lutamos. Seguimos juntos?

BIBLIOGRAFÍA

- Alves, N. (2008). Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas, en: Oliveira, I. B.; Alves, N. (orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- Bernal, M. P. U. & Boom, A. M; Bejarano, M. J. M. (2009). La expedición pedagógica y las redes de maestros: otros modos de formación. In: Colectivo Argentino de docentes que hacen Investigación desde la Escuela (org.). *Investigación educativa y trabajo en red: debates y proyecciones*. Buenos Aires: Noveduc.
- Crary, J. *24/7: El capitalismo al asalto del sueño*. Barcelona: Ariel, 2015.
- Certeau, M. de. (2012). *A Invenção do Cotidiano*: Artes de fazer. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Esteban, M. T. & Zaccur, E. (2008). *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A.

- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia da Letras.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia da Letras.
- Larrosa, J. Experiência e alteridade em educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições.
- Nascimento, A. (2016). *O genocídio do negro brasileiro: processo de um Racismo Mascarado*. 3ªed. São Paulo: Perspectivas.
- Nietzsche, F. (2011). *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nóvoa, A. (2001) *O professor pesquisador e reflexivo*. Entrevista concedida em 13 de setembro de 2001. Disponível em: http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/antonio_novoa.htm. Acessado em 22/05/2021.
- Ribeiro, T.; Silva, A. G. & Vignoli, L. (2019). Sobre experiência, currículo e formação: tornar-se docente de jovens e adultos surdos no cotidiano de uma escola bilíngue, en: Gonçalves, R.; Rodrigues, A. & Ribeiro, T. *Cotidianos e formação docente: conversas, currículos e experiências com a escola*. Rio de Janeiro: Ayvu.
- Sampaio, C. S. (2008). *Alfabetização e formação de professores: Aprendi a ler (...) quando misturei todas aquelas letras ali*. Rio de Janeiro: WAK.
- Skliar, C. (2019). *A escuta das diferenças*. Porto Alegre: Mediação.
- Skliar, C. (2009) O argumento da mudança educativa, en: Sampaio, C. S. & PEREZ, C. L. V. (orgs.). *Nós e a escola: sujeitos, saberes e fazeres cotidianos*. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.
- Suárez, D. H. (2007). Docentes, narrativa e investigación educativa: La documentación narrativa de las practicas docentes y la indagación pedagógica del mundo y las experiencias escolares, en Sverdlick, I. et all. *La investigación educativa: Una herramienta de conocimiento y de acción*. Buenos Aires: Noveduc.